

## Editorial

### A escola, a família e a comunidade na construção de parcerias

ISAURA PEDRO

Professora Adjunta na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal

Investigadora no CIEF-IPS

isaura.pedro@ese.ips.pt

PEDRO SILVA

Professor Coordenador Principal da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria

Investigador no CIIE-UPorto e CICS.NOVA.IPLeiria

pedro.silva@ipleiria.pt

#### **Introdução**

Este número da Revista Medi@ções aborda uma temática emergente nas políticas educativas locais e na construção de parcerias entre escolas, famílias e comunidades. A promoção destas parcerias envolve desafios, vontades e uma melhor compreensão dos

mecanismos que impactam na vida escolar das crianças e jovens.

Escola e família constituem duas instituições sociais centrais hoje em dia. A sua relação, sempre em processo de reconfiguração, tende a delinear uma interface de base local. Assim, escolas, famílias e comunidades tecem entre si uma complexa rede de interações cuja

---

resultante é influenciada pelos atores sociais envolvidos em cada processo, assim como pela relação de forças destes em cada momento. O elemento comum nesta relação triangular é constituído pela criança (ou jovem) enquanto, simultaneamente, aluno(a) na escola, filho(a) em casa e membro de uma comunidade. Este constitui um dos motivos pelos quais se torna fulcral que estes três vértices da relação não constituam mundos à parte, assim como que o primeiro grande beneficiário de uma boa relação seja precisamente a criança (ou jovem).

As sinergias positivas entre estes diferentes interlocutores podem acrescentar valor ao contributo individual de cada um deles. Traduzem-se no apoio à construção de valores e recursos motivacionais, no incentivo ao esforço exigido pela escolaridade e ainda na partilha de expectativas sobre os percursos escolares e profissionais a percorrer.

(Boas) parcerias, precisam-se, pois! Contudo, estas não são de geração espontânea. Dado que qualquer parceria inclui protagonistas com interesses parcialmente divergentes, a sua construção implica cuidados redobrados de modo a que todos possam ganhar algo e não apenas alguns ou uns em detrimento de outros. Estamos perante uma

relação complexa, multifacetada e com possíveis efeitos perversos. Neste sentido, torna-se importante aprofundar o conhecimento sobre estas parcerias – as que envolvem escolas, famílias e comunidades – através da investigação, se possível por pesquisas de cariz variado e com um olhar multidisciplinar, se não mesmo inter ou transdisciplinar.

Este conhecimento envolve, assim, a compreensão dos fatores culturais, psicossociais e contextuais que podem influenciar atitudes e práticas mais ou menos próximas entre escolas, famílias e comunidades e, nessa medida, mais ou menos sustentadoras do esforço exigido à criança/ jovem no desenvolvimento do seu percurso escolar.

Confluem nestas parcerias diferentes entendimentos do processo educativo e de aprendizagem e, desse modo, diferentes representações e expectativas do papel que cabe a cada um dos parceiros assumir neste processo.

### **Organização do número temático**

Um primeiro conjunto de artigos organiza-se em torno de investigações e reflexões sobre os fatores culturais, psicossociais e contextuais que influenciam os processos de aprendizagem, a

---

transição e o bem-estar das crianças/jovens

O primeiro artigo, *Escolas, famílias e práticas digitais em tempo de pandemia*, da autoria de Ana Carla Ferreira e Pedro Silva, reflete sobre as novas práticas digitais e de ensino à distância ensaiadas durante os períodos de confinamento decorrente da situação de pandemia COVID-19. Analisa o impacto destas mudanças no quotidiano de docentes, discentes e suas famílias e, nessa medida, vividas de modo diferente em função das condições socioculturais e económicas dos jovens e suas famílias.

O segundo artigo, *Escola, família, comunidade: uma resposta para um desafio!*, de Lucília Salgado, propõe-se refletir sobre o problema do insucesso escolar em crianças com famílias com baixa condição escolar e as estratégias de prevenção que podem ser adaptadas nestes contextos. Assim, aborda os conceitos de literacia emergente e literacia comunitária, mobilizando um projeto de investigação de famílias em processo de RVCC (Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências) e o impacto nas práticas de envolvimento na escolaridade dos filhos.

O terceiro artigo, *A família na cooperação com a escola: percepções e expectativas sobre o suporte aos Trabalhos de Casa*, da autoria de

Júlia Morgado, Isaura Pedro e Sandra Nunes, analisa o modo como pais/encarregados de educação entendem o suporte aos trabalhos de casa, nomeadamente como percebem o seu papel e quais são as expectativas do papel dos professores na realização destas tarefas. Analisa também os constrangimentos sentidos pelas famílias neste processo e a necessidade de articulação e negociação entre estes atores educativos.

O quarto artigo, *Estudante, escola e família: como plantar ilhas no oceano de possibilidades?*, de Gina Lemos e Leandro Almeida, aborda o modelo Oportunidade-Propensão, analisando a confluência de variáveis do estudante na explicação do seu rendimento académico. Ressalta da análise efetuada um conjunto de variáveis explicativas do rendimento académico que incluem as habilidades cognitivas, o autoconceito e o género, a par das habilitações académicas da mãe e do apoio familiar.

Finalizando este conjunto de textos, o quinto artigo, *Transição para a escolaridade obrigatória: um olhar sobre as famílias*, propõe-se refletir sobre o processo de transição do jardim de infância para a escolaridade obrigatória, explicitando os vários enfoques sobre o tema e problematizando a forma como a transição é vivenciada pelas

famílias.

De seguida, apresentamos o segundo conjunto de artigos, centrado na abordagem das parcerias entre escola, família e comunidade na formação de profissionais da educação.

No sexto artigo, *O envolvimento das famílias em contexto de creche e de jardim de infância: um estudo em tempo de pandemia*, das autoras Bruna Vidal e Ana Luísa Oliveira Pires, procura-se refletir sobre o envolvimento das famílias e sobre as estratégias postas em prática pelas educadoras cooperantes e pela estagiária num contexto de pandemia, identificando os múltiplos benefícios para as crianças, famílias e equipa pedagógica.

No sétimo artigo, *Perceções sobre a relação escola-família na educação de infância: um estudo na formação inicial de educadores e professores*, da autoria de Catarina Delgado, Mariana Pinto e Maria Manuela Matos, apresenta-se e analisa-se as perceções de estudantes do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, relativas ao trabalho e à relação com as famílias em contexto de educação pré-escolar. Problematisa-se o entendimento que as estudantes têm sobre a relação e comunicação com as famílias e questiona-se a necessidade de aprofundamento da reflexão sobre o

tema.

Por fim, o artigo *Atividades interculturais: uma inovação curricular*, de Carlos Cruz, relata uma experiência pedagógica no Ensino Superior em que os grupos de alunos permaneciam nas comunidades locais por um determinado período de tempo, promovendo o desenvolvimento local e beneficiando destas aprendizagens. O artigo descreve a evolução destas atividades culturais, destacando o seu caráter inovador na articulação de uma escola de ensino superior com a comunidade.

### **Outros artigos**

Este número da Revista Medi@ções inclui o artigo da área da biodiversidade vegetal *Ensinar e aprender sobre as plantas: atividades dinamizadas por futuros professores numa Biblioteca Municipal*, de Helena Simões e Sílvia Ferreira.

### **Agradecimentos**

Agradecemos a todos os autores e revisores que colaboraram na realização deste número temático.